

RESUMO - EIXO TEMÁTICO 3 - PAISAGEM CULTURAL E ÁGUA -
PAISAGENS RIBEIRINHAS, FLUVIAIS E COSTEIRAS / FRENTES D'ÁGUA
URBANAS, PORTOS HISTÓRICOS, MANGUEZAIS E DELTAS CULTURAIS /
BACIAS HIDROGRÁFICAS COMO UNIDADES DE GESTÃO CULTURAL /
TERMALISMO E ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS / ÁGUA, CIDADE E
PLANEJAMENTO / PATRIMÔNIOS HIDRÁULICOS E INFRAESTRUTURAS
DA ÁGUA / SABERES TRADICIONAIS E COSMOLOGIAS DAS ÁGUAS /
CULTURA ALIMENTAR E ÁGUA / MUDANÇAS CLIMÁTICAS / TURISMO E
ROTAS CULTURAIS DA ÁGUA / PAISAGEM E CIDADES BALNEÁRIO.

**A ZONA ÚMIDA DO PARQUE NACIONAL DA LAGOA DO PEIXE (RS) COMO
PAISAGEM CULTURAL DOS PAMPAS**

Guilherme Martins Meneguzzi (guilherme.meneguzzi@gmail.com)

Luisa Gertrudis Duran Roca (luisa.duran@ufrgs.br)

Este trabalho propõe a análise do Parque Nacional da Lagoa do Peixe (PARNA), situado na planície costeira dos Pampas, no Rio Grande do Sul (RS), sob a ótica da paisagem cultural. Enfatiza-se sua condição de zona úmida de importância internacional — Sítio Ramsar — diante do cenário de instabilidade do Antropoceno. O objetivo é discutir a indissociabilidade entre o patrimônio natural e cultural, destacando os saberes tradicionais dos pescadores artesanais como uma dimensão da territorialização que desafia modelos de gestão puramente tecnocráticos.

A paisagem dos Pampas é o eixo articulador desta pesquisa. Único bioma restrito a apenas uma unidade federativa no Brasil e o último a ser reconhecido

oficialmente (2004), os Pampas possuem a menor representatividade no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). Trata-se de uma paisagem histórica e socialmente forjada por lógicas coloniais que, muitas vezes, invisibilizam suas complexidades. Nesse sentido, justifica-se a abordagem dos Pampas no plural, visando construir uma contranarrativa que posicione o PARNA como parte fundamental de um mosaico de ecossistemas e de práticas humanas resistentes ao avanço da monocultura e da silvicultura exótica.

A partir do conceito de giro epistemológico aplicado ao planejamento territorial, o trabalho articula o pensamento de Eduardo Viveiros de Castro sobre a distinção entre "modelos" (planos abstratos de controle estatal) e "exemplos" (práticas de bricolagem das comunidades). Essa perspectiva é ampliada pela confluência proposta por Nego Bispo, onde o território é compreendido como um saber orgânico voltado para o desenvolvimento dos seres.

Nesta zona úmida, a dinâmica de abertura da barra da lagoa para o Oceano Atlântico manifesta a agência de Gaia, influenciando desde o ciclo do camarão-rosa até as rotas de aves migratórias. As contingências do cotidiano — das mudanças climáticas ao trabalho da pesca — exigem uma gestão que reconheça o anarquismo ontológico inerente ao território, onde agências humanas e não humanas (a laguna, os ventos, os antepassados) coexistem.

Conclui-se que o Parque Nacional da Lagoa do Peixe constitui uma paisagem cultural potente, cuja gestão deve transitar de modelos rígidos para uma compreensão baseada em laços de identidade e pertencimento. O reconhecimento desta zona úmida como patrimônio cultural é, portanto, um ato de resistência que valoriza o saber-fazer local frente às imposições do espaço abstrato, promovendo uma confluência necessária entre a conservação da biodiversidade e a dignidade das comunidades tradicionais.

Palavras-chave: pampa; zona úmida; antropoceno.